

ASSIGNATURAS
 ANNO. 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso. 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Os negocios da agricultura. — As tentativas precedentes. — O projecto Tosta. — Uma velha aspiração. — A criação de um ministerio.

Era uma grande honra para nós sermos considerados um paiz essencialmente agricola, sem fazermos coisa efficaz para a justificação dessa fementida fama, sem termos nas alturas do Governo uma repartição especial, consagrada, exclusivamente, a esse ramo da administração dos negocios da agricultura, materia tratada de cambulhada com muitas outras diversas ou hecterogeneas, demasiado peizadas para os frageis hombros de um só ministro.

Os negocios especiaes da agricultura tiveram no antigo regimen os seus momentos de animação, de florescia, seguidos de grandes espaços de olvido, como si a capacidade dos iniciadores se exgotasse aos primeiros esforços ou se contentasse com as tentativas. Essas remissões curtas ou prolongadas esterilizaram o trabalho dos estadistas mais competentes e melhor intencionados. Avançavamos e recuavamos, avançavamos e paravamos, obedecendo ao excessivo espirito de previsão ou a essa timidez de quem se está aventurando em caminho desconhecido, sem coragem para desvendar-lhe os mysterios e defrontar-lhe os perigos.

Todos os nossos homens de governo fôram victimas desse systema de precauções que lhes povôava o espirito de phantasmas, de um terror ephemero: todos elles faziam timbre de primar pela prudencia, pelo amadurecido exame, pelo estudo das questões, estudos que nunca se fizeram e sempre protelaram ou inutilizaram o esforço dispendido, em crises de entusiasmo, para a solução dos verdadeiros problemas sociaes, prezos á terra, á maravilhosa e rica terra brasileira, para ser fertilizada pela intelligencia e pelo trabalho.

Para illustrar esses conceitos, lembraremos que, ao proclamarmos a lei das terras, em 1850, se suppoz ter ouzado o grande passo, o passo definitivo para o desenvolvimento do povoamento, para a plena abertura dos canaes da immigração, regularizando a propriedade indecisa, legitimando-a para radicar o trabalho ao sólo vasto e promettedor que offereciamos com os seus inexgotaveis thesouros ao colono.

No emtanto, essa lei, a que se attribuiam efeitos myrificos, o dom de resolver o mais urgente problema, o do desenvolvimento da riqueza publica, sómente teve o seu regulamento cerca de quatro annos depois, em janeiro de 1854.

E esse proprio regulamento, destinado a organizar materia inadiavel, reclamada urgentemente pela situação do paiz, libertado definitivamente das consequencias das luctas pela fixação da nacionalidade, não foi executado porque, já nesse tempo, a politicagem intervinha como elemento perturbador do sincero empenho dos grandes homens, servidores do Imperio.

Lembraremos mais os longos, os enfadonhos estudos que precederam ás tentativas de viação ferrea, de utilização dos nossos rios, de navegação das nossas immensas costas, de tudo, emfim, quanto era essencial para o desenvolvimento da riqueza publica. A nossa estrada de ferro principal, a obra modelo de todos os outros empreendimentos do mesmo genero, foi lentamente construida, como uma obra sem objectivo e em cujos resultados se não confiava com segurança.

Recordaremos tambem quanto foi lento e torturante o trabalho de emprenhender as communicações telegraphicas, que teriam a marcha de kagado da primeira estrada de ferro, si o Imperador não a confiasse a um homem que trabalhava com perfeita autonomia, sem consultar ministros, sem lhes dar conta do que estava fazendo.

E assim aconteceu sempre que tivemos de fazer qualquer coisa no sentido de um forte, de um generoso impulso para adeante — os homens achavam que era um signal de virtude empacar, resistir, evitar, por todos os meios, o feio defeito do açodamento.

Os resultados fôram — devermos o que temos ás imprudencias, ás ousadias dos quebradores dos velhos moldes sagrados, aos iconoclastas irreverentes dessa coisa ultra-respeitavel e esteril — as tradições, como si no actual estado de lucta pela civilisação, de porfia, de ancia pela perfeição, pudessemos caminhar voltados para traz, remando um velho barco sem piloto.

* * *

Era uma velha aspiração essa de crear uma pasta especial da agricultura para tratar technicamente as importantes questões concernentes ao mais grave dos nossos problemas administrativos — o desenvolvimento da produção nacional, o aproveitamento das fontes abandonadas no seio e na superficie da terra vasta, ubertosa, a multiplicação dos meios de transporte, supprimindo o obstaculo das distancias que são o nosso maior inimigo, prepa-

rando-nos para receber os braços da immigração e o capital, todos os elementos, enfim, de propulsão da riqueza publica.

A exposição de motivos do projecto de que é relator o sr. Tosta, homem de pequena estatura, animado pela força das convicções valorosas, dedicado com firme tenacidade ao estudo desse problema, aborda todos os resultados vantajosos dessa medida de governo, concretizada no ministerio dos Negocios da Agricultura, Commercio e Industria.

Esse projecto só teria o defeito de ser tardio, de conter idéas vencedoras e applicadas em todo o mundo civilizado, onde o homem não fia o seu futuro, a prosperidade, o engrandecimento da patria das forças cegas da natureza.

Povo, cujo trabalho está ainda amarrado aos meios empiricos, aos instrumentos rudimentares, ao machado devastador, á enxada insufficiente mordendo a terra combusta, assolada, estrumando-a com preciosidades destruidas; povo que se não habituou ao arado que os povos prehistoricos usavam antes de Adão — nós precisamos de educação technica, de ser esclarecidos pelos processos intuitivos de revelação da capacidade do nosso territorio e da utilização da sua espantosa fecundidade.

O trabalho, sem a guia dos methodos modernos, sem as lições da sciencia, é um elemento de devastação, é obra de cego, de inconsciente, passando indifferente por cima de riquezas que elle não comprehende, destruindo outras, cujo valor não percebe.

Essa verdade se antolha a todos os que percorrem o centro do Brazil, esses sertões admiraveis, onde se extenuou a colonisação com sacrificios herbicos.

Temos o centro de Minas Geraes excavado, as entranhas da terra revolvidas, a superficie esterilizada. Temos nas mesmas condições o Estado do Rio de Janeiro, resurgindo agóra aos golpes da actividade patriotica do sr. Nilo Peçanha, debellando victoriosamente a rotina. Temos nas mesmas condições o territorio de todos os Estados, com excepção do de S. Paulo e dos Estados da zona temperada confiados a administradores que olham para o futuro, ou os Estados em que a natureza dá ainda de graça os seus productos.

Não podemos prescindir da educação do trabalho para que elle possa produzir todos os resultados vantajosos, para conseguirmos, ao menos, dotar o Brazil de capacidade para produzir o que falta á nutrição, ao bem estar do seu povo — o trigo, a carne, a lã e outros artigos de primeira necessidade.

Nós confiamos no projecto como um energico movimento no sentido de aspirações indiscutíveis, enchendo uma grande lacuna aberta pela nossa ignorancia, pelo nosso desprendimento de fatalistas, povoadores de um paiz essencialmente agricola.

POJUCAN.

PAGINAS ESQUECIDAS

A DOUTRINA DE MONRÖE SUA ORIGEM

Os que hoje averbam de infundadas as apprehensões publicas do movimento annexionista desenvolvido na America do Norte, são os mesmos, cujo entusiasmo pela doutrina de Monröe não toleravam hontem a opinião daquelles que lhe desconheciam o caracter de influencia tutellar para o Brasil. Confessam agora que, a respeito da doutrina de Monröe, o engano era seu; mas sustentam, ao mesmo tempo, ser nosso o desacerto em relação aos perigos da tendencia annexadora. Ora mais difficil é antever o futuro que conhecer o passado. A todos se mostra o passado no espelho da historia. Só a poucos pela providencia se entremostra o futuro. Era a significação da doutrina de Monröe uma questão, que se achava toda no preterito. Não a enxergaram; e, todavia, se presumem com o descortino, para avaliar as consequencias da es-

pansão americana, problema que está inteiramente no porvir. Podem os que não tiverem sequer o merecimento trivial da memoria, assumir a autoridade extraordinaria da previsão?

De balde se obrigaram elles agora á evasiva exculpatória de que a politica absorvente, hoje professada uos conselhos de Washington, contradiz a de Monröe. Não é exacto que, neste ponto, o ultimo quartel do seculo dezenove esteja a desmentir o primeiro. Não é exacto que, neste particular, as fracas republicas da America do Sul se possam queixar da grande republica da America do Norte. Não ha nenhuma incoherencia, violação nenhuma dos principios de Monröe no procedimento actual dos americanos. Esses principios nunca exprimiram senão um interesse dos Estados Unidos, nunca encerraram compromisso nenhum, por parte delles, a favor dos povos sul-americanos.

Ha trinta e tres annos escrevia o mais celebre dos publicistas argentinos: «O exemplo recente de Valpa-

raizo, bombardeada em presença de uma esquadra dos Estados Unidos, a qual o não estorvou, porque a Europa, convidada a isso, não quiz encarregar-se de executar a doutrina de Monröe, que a excluia de taes encargos, *deve acabar de provar á America do Sul o que vale para sua defeza a doutrina de Monröe*». E, restabelecendo a verdade contra a versão corrente, que transformava essa doutrina em instrumento commum da solidariedade deste continente contra o outro, accrescentava: «Não tem a doutrina de Monröe sentido tal de aversão á Europa, por um motivo simples, a saber, porque foi inspirada pela Europa livre em odio da Europa absolutista. Canning, para se utilizar da independencia americana como de uma arma de guerra contra a Santa Alliança, inspirou ás duas Americas as furiosas idéas da declaração de Monröe e ao congresso de Panamá, como antithese do congresso europeu que a Santa Alliança promovia, afim de reconquistar o novo mundo a beneficio da

sua preponderancia no velho. A uma contra-campanha, em 1823, em seu-tido inverso, á anteriormente opposta contra a invasão da França na Hespanha, preferiu Canning reduzir esse paiz a uma potencia de terceira ordem, arrebatando-lhe os dominios americanos, que constituíam todo o seu esplendor, e poudé dizer, *com titulos superiores aos de Monróe, que «chamava a existencia o novo mundo, afim de restabelecer o equilibrio no antigo.»*

Estas noções essenciaes á comprehensão da doutrina de Monróe, que já em 1866 vogavam no Rio da Prata, eram desconhecidas no Rio de Janeiro em 1893, e ainda o são em 1899. Cuida-se, ainda hoje, que a formula de Monróe tinha sido adoptada por uma inspiração espontanea dos Estados Unidos, com o intuito de assegurar, á sombra do seu prestigio e da sua força, a independencia das nações americanas. Nada mais falso.

Pêlos fins de 1822 os representantes das monarchias envolvidas naquelle pacto dos reis, contra os povos, reunindo-se em Verona, tinham annuciado o proposito de «repellir os principios revolucionarios, onde quer e sob qualquer forma que se manifestassem», e, separando-se nessas disposições, ao mesmo passo que, num tractado secreto, se compromettiam reciprocamente a «acabar com os governos representativos na Europa», tencionavam estender essa politica ao continente americano, a cuja emancipação geral faltava apenas a nossa. Canning, succedendo a lord Castlereagh, e mudando o espirito, ao gabinete inglez, não accedeu a esse pensamento, e rompeu com os interesses da Santa Alliança, declarando-se resolvido a operar em directo antagonismo com ella, se contasse com concurso dos Estados Unidos. Era o tempo em que, por outro lado, no seio destes os maiores homens de estado nutriam a opinião dada por Jefferson em resposta a uma consulta do presidente Monróe: «A Grã-Bretanha é, de todas as nações do globo, a que maior mal nos pode fazer, e, com ella ao nosso lado, não nos teremos de receiar do mundo inteiro.»

Taes os motivos, que impelliram o governo americano á declaração de 1823.

Da Europa, do sentimento liberal da Inglaterra veiu a inspiração e o impulso. Nem sem esse apoio a doutrina de Monróe teria surtido o unico effeito bemfazejo, que se destinava e veiu realmente a ter quanto ás nacionalidades sul-americanas: frustrar os planos da liga absolutista de além-mar, empenhada em restaurar deste lado do oceano o jugo colonial recém destruido. Ha uma circumstancia, entre outras, que basta, para certificar o peso decisivo da iniciativa e da co-operação britanica nesse movimento de consolidação da independencia americana.

Sabe-se agora pelas Memorias do principe de Metternich, publicadas em 1881, que ainda no inverno de 1824, isto é, mezes depois de conhecida na Europa a mensagem de Monróe, a França, a Austria, a Russia e a Prussia acquiesciam ao convite de celebrar, em Paris, uma conferencia, cujo objecto era liquidar os negocios hispano-americanos. Não se realizou, porém, a tentativa, porque o reclamo dirigido á Inglaterra, cujo consenso era indispensavel, encontrou da parte de Canning uma recusa «quasi brutal».

Mas porque assentiram os Estados Unidos ás suggestões do estadista inglez? Por sympathia ás republicas latinas deste continente? Porque estremecessem, inquietos, aos riscos da independencia recém conquistada pelas antigas colonias hespanholas? Não. Por um motivo de conveniencia immediata dos mesmos Estados Unidos. Porque estes se julgavam igualmente ameaçados com as pretensões da Santa Alliança, e sentiam o risco de que penetrasse até no seu territorio e na sua politica interior a influencia e a força dessa tremenda colligação. «Tamanha era ella», escreve Von Holst, «que os proprios Estados Unidos se não julgavam ao abrigo da sua intervenção». E que esse foi, de feito, o movel da politica do presidente Monróe, demonstrado está pela confissão de um dos seus ministros mais eminentes, Calhoun, o seu secretario da guerra. Acreditava, diz elle, o gabinete americano que a Santa Alliança «tambem nos tinha de olho». Se não se lhe resistisse recaptivaria a America do Sul. Violentos partidos

surgiram neste paiz, uns pró outros contra ella, e *teriamos de pelejar em nossas proprias costas pelas nossas instituições».*

Esta explicação não foi contestada até hoje. Tem sido, pelo contrario, invocada, em successivas reproduções, nos livros americanos, e, ainda ha pouco, num opusculo sobre a *A doutrina de Monróe*, dado á luz em Nova York e integralmente reestampado na *Revista de direito internacional e legislação comparada*, tomo XXVIII, o sr. Bassett Moore, uma das maiores autoridades daquelle paiz em materia de direito das gentes, alludindo á attitude de John Quincy Adams na mesma questão (Adams e Calhoun eram os dois grandes estadistas do gabinete de Monróe), observa: «Elle não acreditava que a Santa Alliança armasse a inaugurar entre nós a monarchia. Mas, se esta subjugasse as provincias hespanholas, o ultimo resultado veria a ser, ponderava mr. Adams, recolonisal-as, dividindo-as entre as nações, que a formavam. A Russia poderia apropriar-se da California, do Perú e do Chile, a França do Mexico, e a Grã-Bretanha, se não lograsse contrastar o curso das coisas, senharearia, pelo menos, a ilha de Cuba como seu quinhão na disputa. *Qual seria, nesse caso, a situação dos Estados Unidos, com a Inglaterra em Cuba e a França no Mexico?»*

O sentimento propulsor do celebre documento americano foi, pois, simplesmente o receio do embate com a mole irresistivel de forças, com que entraria na arena dos destinos da America o poder colectivo da Santa Alliança.

Para os Estados Unidos não consistia o mal em que as provincias escapás da tyrannia hespanhola revertessem a ella. Nada tinham feito elles em socorro das colonias revoltadas. «Enquanto a los Estados Unidos», escreve um publicista columbiano o sr. Samper, definindo a posição dessa nacionalidade no movimento de emancipação hispano-americana, «es curioso observar que, sendo esa potencia la más interesada en favorecer nuestra independencia, se mostró sin embargo mucho menos favorable que Inglaterra, indiferente por lo comun hacia nuestra revolución y mui tardia en sus

manifestaciones oficiales, como parcimoniosa en procurar nas los auxilios de armamento que solicitabamos, con nuestro dinero, de los negociantes y armadores.»

Só incorrendo em um anachronismo palpavel, podia ter attribuido o sr. Calvo á proclamação da doutrina de Monröe a linguagem do embaixador inglez, lord Wellington, a favor das colonias americanas no congresso de Verona, quando este se celebrara em agosto de 1822, ao passo que a mensagem, onde se enunciou essa doutrina, tem a data, quinze mezes posterior, de 2 de dezembro de 1823.

Em 1816, quando a revolução americana batia á porta das potencias liberaes em busca do apoio, que a salvasse, os Estados Unidos harmonisavam ainda com as cortes europeas que opinavam pela manutenção do dominio hespanhol.

Mitre na *Historia de Belgrano* (vol. III, pag. 310), registra o relatório onde o celebre patriota argentino alludia «ao interesse manifestado pelo resto dos potencias, inclusive os Estados Unidos d'America, em que nos conservemos unidos á Hespanha, com o fim de contrabalançar o poder marítimo da Inglaterra». Ainda em 1819 recusava o governo americano admitir os consules de Venezuela, e só em 1823 reconheceu a independencia da Republica Argentina.

Pelo que toca ao Brasil, nunca as suas aspirações á independencia encontraram gasalhado entre os estadistas americanos, o mais radical dos quaes Jefferson, ainda em 1816, a repellia. No anno seguinte era ocolhido allí com irrisão o emissario pernambucano, deputado ao seio daquella democracia em busca dessa generosa fraternidade imaginada por nós desde aquelles tempos, não perdendo tempo o gabinete de Monröe, então no começo da sua primeira presidencia, em denunciar o facto ao ministro portuguez Correia de Serra. Só, em summa, depois de reconhecida pelo governo de Lisboa, graças aos esforços de Inglaterra, em 1825, é que os Estados Unidos pactuaram connosco o tractado de amizade, bem que já contasse dois annos de existencia a doutrina de Monröe.

Mas o primeiro representante da America do Norte, no Rio de Janeiro, Ragnet, suscitou os maiores obstaculos aos nossos primeiros esforços de organização constitucional accusando a nossa marinha de cobardia, ameaçando-nos de um rompimento com o seu paiz, e declarando que não eramos um povo civilizado.

Com essa frieza e indifferença pela sorte das nações latinas no continente americano, não podiam ter tido em mira os Estados Unidos estabelecer nos principios de Monröe um escudo á independencia dellas. Se a Hespanha tivesse forças sufficientes, para se reempossar no seu antigo senhorio, a republica norte-americana lh'o não impediria. E' o que solemnemente declarava, em abril de 1826, no congresso federal, um dos mais altos interpretes da politica de seu paiz, Daniel Webster. Negociámos com esses governos, tal qual no caso de qualquer guerra civil, como governos de facto, dizia o grande orador, «*sem pôr, todavia, em questão o direito da Hespanha a reduzir os outra vez á obediencia, se o pudesse (not questioning the right of Spain to coerce them back to their old abedience, if she had the power).*» Nem com o tempo mudou essa intelligencia; porque, ainda em 1889, o sr. Koerner, no seu estudo sobre a doutrina de Monröe, inserido no *Encyclopedia Americana*, escreve: «Se a Hespanha quizesse reconquistar as colonias rebeldes, era fazel-o (*If Spain would reconquer them, she might try*). O que os Estados Unidos lhe não consentiriam, seria que o fizesse com o auxilio das potencias alliadas.»

Nas origens dessa expressão do ascendente continental daquella nacionalidade se acha nitidamente impresso, pois, o seu character essencial de simples formula preservativa da influencia dos Estados Unidos e seus interesses no continente onde reinam, e que sempre aspiraram a absorver.

Deixar aberto esse campo á dilatação vindoira do seu imperio era, como nos vae mostrar o exame ulterior do assumpto, a luz da theoria e dos factos, o intento substancial da formula de Monröe.

RUY BARBOSA.

(*A Imprensa*, num. 236, de 30 de maio de 1899; Rio de Janeiro.)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XXXII

Nos dois artigos anteriores, vimos a fervida discussão suscitada, na sessão de 11 de outubro, a respeito da portaria do ministro da Guerra, mandando vir da Bahia os soldados luzitanos prisioneiros para servirem no exercito brasileiro.

Carneiro da Cunha denunciou essa portaria de 2 de agosto, como grande attentado e apresentou indicação, solicitando informações do Governo.

Montesuma lançou-se no debate calorosamente, estigmatizando o procedimento da administração da Guerra.

Reproduziremos excerpts do discurso, porque é mais expressivo do que a simples narrativa. Nelle se vê o sentimento que predominava na Assembléa, a qual naturalmente não tinha criterio politico e não comprehendia as difficuldades da situação e as circumstancias que formavam a somma de motivos que provocavam a colera do Imperador contra a Constituinte. Attentem os leitores neste imprudente ataque que havia de incomodar não só aos ministros como ao proprio Imperador.

E, quando a Constituinte commette imprudencias de tal ordem, não pôde pretender nem allegar não haver praticado actos que merecesse as iras imperiaes, excepto si obrava incôscientemente.

Montesuma começa em tom escarinho: «Este ministro da Guerra temme merecido bastante attenção; não é esta a primeira vez que tenho a satisfacção de falar a seu respeito e fazer as minhas fracas e humildes observações acerca do seu proceder. Já uma vez mostrei que elle pretendia lançar o nosso exercito com officiaes que acabavam de derramar o sangue brasileiro, e a Assembléa tomou em consideração a minha indicação; pediram-se informações ao Governo, este já as mandou; mas ainda estamos para ver a decisão final. Observei mais que este ministro era inimigo da causa do Brazil, porque praticava malversações contra a fazenda publica, etc.» (1)

Neste tom o orador desenrolou um novello de accusações e disse: «que este ministro abusa do nome do seu monarcha e para exemplo tenho guardado no meu bolço, entre outros papellinhos, uma portaria deste ministro relativa a um mestre do arsenal... Eu tenho guardado todos estes papeis para informações e para pedir a seu tempo á frente da nação a demissão deste ministro. (Apoiados) Cumpre mostrar que não somos mudos especta-

res de malversações; eu tenho documentos para apparecerem a respeito destes e de outros negocios da fazenda e é necessario que falemos com clareza; que cortemos pela raiz esta cepa de males para evitar que não volte o antigo systema; não; não consintamos que o caruncho continue a roer tudo.»

O Imperador leria com prazer este discurso, ouvido sem protesto na Camara, ao contrario escutado com geraes apoiados?

Este discurso expunha aos olhos do povo, já desconfiado, um ministro inimigo da causa do Brazil, trabalhando em reinstallar o antigo regimen, admittendo soldados luzitanos no Exercito, cometendo malversações contra a fazenda publica e outros crimes. Emfim, o orador promettia pedir a demissão desse ministro á frente da nação. Estas ameaçadoras palavras foram cobertas de geraes apoiados o que significava que a Camara pensava como o orador.

Mas quem escolhera e mantinha no governo tal ministro? O Imperador. Qual o responsavel?

O povo, portanto, ouvindo tal discurso, lançava toda culpa sobre o Imperador. Desta sorte, saía do recinto da Assembléa o descrédito que expunha d. Pedro ao odio publico e fazia crer que elle se cercava de ministros indignos, que commettiam malversações contra a fortuna publica: que finalmente provocou quasi uma rebelião, pedindo á frente da nação a demissão do ministro, forçando desta maneira o Imperador a submeter-se a vontade extranha.

— *Habent sua fata!*... exclama o vate de Sulmona.

Com effeito, Montesuma presagiava o futuro, em que, á frente da nação, se exigirá que o Imperador demitta o ministerio dos marquezes (5 de abril).

Ora, isso, para um homem da tempera de d. Pedro, era uma affronta, que respondeu, entregando, altivo e impassivel, o acto de abdicção ao major Frias, emissario do povo e Exercito, reunido no campo de S. Anna, no dia 7 de abril.

Si, em 1823, á frente da nação, Montesuma, só, ou a Constituinte, impuzessem ao soberano a demissão do conde de Lages, ministro da Guerra, seguramente a resposta de d. Pedro não seria simplesmente a abdicção: 1º, porque, ainda muito moço, tinha insaciavel ambição de reinar e governar; 2º, porque não o instigava a razão pessoal, que o dominava em 1831.

Então irromperia a guerra civil, si a Constituinte pudesse fazel-a; ou esta Assembléa seria, logo, esmagada, como será em 12 de novembro, que se approximava.

E' fóra de duvida que a Constituinte não tinha a habilidade de evitar

as situações difíceis e escabrosas para si mesma, damnosas para a ordem publica e interesse do paiz.

Essas minuncias reunidas provam que aquelle Congresso foi altamente inhabil e responsavel do desenlace do drama do seu deploravel destino. Não havia, pela sabedoria e prudencia de suas deliberações, sabido guiar o Imperador, que facilmente seria attraído e marcharia de accôrdo com a representação nacional num periodo em que elle estava ufano de ser o heróe da Independencia, o Defensor Perpetuo, e a largos tragos sorvia o nectar da popularidade e do enthusismo patriotico. Estas excellentes disposições não foram aproveitadas pela Constituinte, que só teve o tino de convertel-as em coieras, abrindo lucta quasi diaria por qualquer futilidade. Assim ía consummindo mezes de sessões estereis com loquazes e ridiculas chicanas, não tendo capacidade de tratar dos negocios do Estado.

D. Pedro, em vez de aprender, desaprendia com a desasada Assembléa.

Ainda por cumulo de infelicidade, o ministerio de 16 de janeiro, sob o influxo de José Bonifacio, foi duma inercia e incapacidade lastimaveis e sómente concentrou toda actividade na faina detestavel das devassas, das perseguições, das prisões e deportações, que fizeram brotar por toda parte, de norte a sul, esse immenso turbilhão procelloso de desconfianças e de odios, que ainda mais tornou desesperada e angustiosa a situação entre os dois poderes Legislativo e Executivo.

Qualquer espirito calmo, imparcial e penetrante, versado nos trabalhos do regimen do governo representativo por meio das Assembléas deliberantes, debalde procurára descobrir a acção intelligente do ministerio de José Bonifacio na direcção da Constituinte, que, por assim dizer, navegava sem rumo e sem bussola.

José Bonifacio não podia dominar pela palavra; não era orador; delle o *Diario da Camara* conserva, apenas, meia duzia de *rachiticos* discursos sem folego, sem fórmula e sem doutrina: explicação de factos.

Era, porém, reputado um sabio — só isso lhe dava grande prestigio e auctoridade; podia, portanto, ser o conselheiro do Parlamento, em geral composto de mediocridades. O grupo dos intellectuaes respeitava-o e admirava-o. Nestas condições, este homem devia tomar a verdadeira attitude dum estadista e governar o paiz, organizando-o, por meio da Camara, que elle illustraria com a sua sciencia, disciplinaria com a prova da experiencia. A esse respeito a quem perguntar o que elle fez, póde-se res-

ponder com as palavras dum drama do famoso poeta allemão Schiller — *nada, nada, nada.*

Certos homens não teem o direito de allegar, perante a historia, as circumstancias attenuantes, que só aproveitam aos nullus e justificam os incapazes. As notabilidades devem ser severamente julgadas e punidas, porque faltaram á propria grandeza.

Assim da incapacidade do ministerio de José Bonifacio veio grande mal á Constituinte; que viu subita e inesperadamente desaparecer o poderoso ministro, como que expulso do poder. Sobre a demissão de José Bonifacio nada consta officialmente. E' certo, porém, que a má vontade imperial evidenciou-se repetidas vezes, principalmente nos *Manifestos* que o Imperador dirigiu á nação, explicando-lhe as razões que determinaram a dissolução da Constituinte.

A demissão de José Bonifacio causou surpresa geral: elle passava por mentor de d. Pedro, que o amava e lhe chamava de pae e, na sua ignorancia, acreditava que era um dos maiores sabios do seculo.

José Bonifacio viu-se, pela força das circumstancias, envolvido nos acontecimentos revolucionarios, mas era homem dos tempos antigos, tomava por modelo o marquez de Pombal, que tambem imitou o cardeal duque de Richelieu. José Bonifacio podia governar Portugal, afeito á subserviencia e ao despotismo; porém era improprio para dirigir e reger um povo que ambicionava as conquistas da liberdade moderna. Elle desenvolveu no espirito de d. Pedro as tendencias e a paixão pelo governo arbitrario, que ambos praticaram sem nenhuma limitação e responsabilidade.

A Constituinte, demasiado comprometida, não podia enveredar por novos caminhos.

Quando assim procedia para com o Imperador, evidentemente não devia contar com boa vontade daquelle que amava o poder sem *peias, limites e contrapezos* e que não toleraria que se lhe tirasse a popularidade, que era tambem uma de suas ardorosas paixões.

A Constituinte, porém, trabalhava nesse sentido, ou sciente, ou inconscientemente. Num ou noutro caso, não merecia as boas graças imperiaes, nem podia esperar sinão a funesta sorte que ella mesmo preparava para si.

Não paronem Montesuma a aggressão contra o governo imperial. Antonio Carlos, numa violenta, rapida e injuriosa declamação, abundando nos mesmos conceitos, gravou, com implacavel mão, o labéo de *corrupto* na frente do ministro. A voz vibrante do imperioso deputado paulista levautou

as coleras dos representantes da nação e avivou, de novo, as desconfianças e suspeitas, que lavravam na Côte e nas provincias de pretender d. Pedro reduzir o Brazil ao antigo regimen de colonia, destruindo a obra da Independencia, illudindo os brazileiros.

O facto de admittir no nosso exercito os soldados luzitanos que acabavam de guerrear contra nós, parecia indicar que d. Pedro tinha esse plano e para executal-o cercava-se de soldados portuguezes. A suspeita não deixava de ter apparente fundamento. Tivesse ou não tivesse tal plano, era uma medida impolitica e imprudente a admissão de taes prisioneiros no Exercito. O governo imperial devia comprehender que no estado de desconfianças em que estavam as susceptibilidades patrioticas, semelhante medida era propria para mais desenvolver e incrementar as suspeitas, propagal-as e generalizal-as por todas as classes sociaes; até attraía os que se mostravam incredulos, ou favoraveis ao Governo.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Diario da Camara*, sessão de 11 de outubro.

SCIENCIA E INDÚSTRIA

Santos Dumont aviador. — A victoria do mais pezado do que o ar. — Apparellho engenhoso. — As experiencias.

Não abandonando o aperfeiçoamento do balão dirigivel, que lhe deu reputação mundial, Santos Dumont emprehendeu sérios estudos do mais pezado do que o ar, da ascensão pelo vôo mechanic.

Nesta secção demos noticia do primeiro apparellho, cujas minúcias fôram reproduzidas em todos os jornaes; daremos, agóra, a descripção do novo apparellho aviador designado pelo n. 14 bis, experimentado, no dia 21 de julho ultimo, no parque aeronautico de Neuilly, em Paris. O novo apparellho tem a fórma de um grande passaro de azas estendidas, donde lhe veio o appellido de — ave de rapina, pelo qual já é designado e servirá para caracterizal-o, da mesma fórma que o de *Amarelo*, — com que se baptizou o primeiro balão de Lebaudy.

Uma grande armadura longitudinal fórma o corpo da ave, e dois planos horisontaes estendidos transversalmente dão a impressão das azas.

A armadura estreita e alongada foi construida de maneira analoga ao engradamento das barquinhas dos balões dirigiveis de Santos Dumont; sustenta á ré um helice de panno com dois ramos, ligado directamente ao motor, que é capaz de 1.100 rotações por minuto. Um pouco aquem estão collocados os radiadores especiaes, construidos conforme planos especiaes do inventor. Immediatamente depois, sempre da ré para vante, está o motor do systema Levasseur, da força de 24 h. p., pezando 1 k. e 200 grs. por cavallo, e a barquinha de junco da fórma legendaria adoptada pelo nosso illustre conterraneo para o seu uzo particular, uma especie de cesto de 0,90 de altura sobre 0,30 de largura.

Ao alcance da mão do aeronauta estão distribuidos, em ordem, os apparellhos de commando do motor e do leme. Este, collocado na extremidade da armadura de 6 metros de comprimento, tem uma fórma absolutamente nova: é uma especie de cofre cubico, constituido por uma leve armação de madeira revestida de pauino, menos na frente e na rectaguarda. Esse leme, que se pôde mover em todos os sentidos, dará ao complexo do seu apparellho maravilhosa precisão de movimento e direcção.

Quanto ás azas ou aos planos transversaes, que lhes apparentam a fórma, medem 6 metros de extensão. Esses planos destinados ao equilibrio do systema, no sentido transversal, estão fixados e offercem muita analogia com os papagaios cellulares de Hargraw, conhecidos aqui por papagaios scientificos.

Quanto aos apparellhos de partida e chegada, o aviador repouza no sólo por intermedio de uma carrêta munida de solidas rodas de bicyclette. Para compensar e amortecer os choques, fôram empregadas mólãs muito engenhosas, formadas por pares de extensores do genero Sandow.

Toda a carcassa da armação do apparellho peza 360 gram. por decimetro cubico, 30 vezes menos do que o aço e está completamente coberta de panno, de maneira a reduzir ao minimo a resistencia do ar, que deslizará ao longo das superficies planas sem encontrar resistencias ou asperzas.

O pezo total do aviador é de 170 kil.

Os nossos leitores conhecem pelo telegrapho o exito das experiencias desse novo apparellho, que constituirá a conquista do ar pelo mais pezado; assim como o balão Santos Dumont fez a conquista pelo mais leve.

Paul Maisonneuve, — Heroico estudante que se inoculou com o microbio da syphilis. — Sua these inaugural.

Merece bem fama universal o jovem Paul Maisonneuve, filho do celebre dr. Maisonneuve, cirurgião chefe do Hotel Dieu, de Paris.

Referimos nesta secção que esse jovem heróe se offereceu aos sabios Roux e Metchnikoff para ser inoculado de syphilis afim de ser experimentado no homem o tramento pela pomada mercurial, que déra magnifico resultado nos macacos.

Depois de muita hesitação, os dois sabios acceitaram o offercimento, e a inoculação de Maisonneuve se effectuou no dia 1 de fevereiro ultimo, praticada por Metchnikoff em presença dos drs. Roux, Queyrat, Sabouraud e Salmon.

Os resultados são conhecidos: o paciente saíu perfeitamente immune, confórme a communicação de Metchnikoff á Academia de Medicina, em 8 de maio deste anno.

Até ás ultimas datas, o corajoso medico nenhum effeito sentira da molestia inoculada, gozando perfeita saúde e, na sua these inaugural, tratou de maneira completa e, pôde-se dizer, com experiencia propria, da questão da prophylaxia do horrivel flagello da humanidade.

Na parte historica, muito documentada, elle recorda que o mercurio fôra empregado como remedio no principio do XVI seculo, sendo, nessa mesma epocha, muito recommendados o vinho branco, o vinagre e o summo de limão; mas as pomadas mercuriaes só entraram em vóga nos dias contemporaneos, conforme os methodos dos drs. Behermanu e Colin na Allemanha, Guiard e Bonnet em França.

Termina o interessante trabalho por um capitulo sobre o contagio profissional e assignala os serviços que o emprego dos calomelanos pôde prestar áquelles que se expõem, diariamente, ao contagio de syphiliticos, como os dentistas, as parteiras, as enfermeiras.

No correr das observações feitas pelos examinadores, professores Roger e os drs. Richaud e Mauclair, presididos pelo professor Gaucher, as proposições da these fôram objecto de

encomios á abnegação scientifica do examinando, que, na phrase do presidente da meza, iniciava a carreira de medico com um acto de heroismo.

O professor Roger observou que não se podia, de uma experiencia feliz, concluir pela efficacia absoluta do tratamento; o dr. Richaud emittiu duvidas sobre a acção attribuida ao mercurio no caso em questão; o presidente Gaucher pronuncia-se contra a publicidade dada ás experiencias de laboratorio, de tão grande interesse scientifico, publicidade que teria o inconveniente de provocar especialidades susceptiveis de fazer crer numa segurança enganadora e animar tendencias viciosas.

Maisonneuve foi approvedo com a mais elevada nota—*très bien satisfait*.

Ahi está um que entra na vida pela porta da celebridade.

A LIVRARIA

«L'ANIMA», LIVRO DE VERSOS POR G. FOGLIANI. — TYPO-LITOGRAFIA DI FILIPPO BORGONOVO. — RIO DE JANEIRO, 1906.

E' sabido que geralmente illudem muito os versos em lingua estrangeira. Não é preciso que sejam na verdade extraordinarios para que os tomemos nessa conta, uma vez que comprehendamos esse outro idioma. Isso por uma razão: porque será muito difficil possuil-o como possuímos o nosso, e principalmente estarmos com elle familiarizados no mesmo gráu, termos o ouvido tão afinado para a musica desse idioma como para a lingua cujo rythmo nos embalou desde o berço.

No caso presente, este é mais um argumento contra o auctor do livro de versos *L'Anima*, que temos em mão, livro escripto em italiano, embora impresso em typographia daqui do Rio.

Pelo que se lê neste volume, a sr. G. Fogliani reside ha muito tempo nesta terra. Temos de agradecer-lhe a sympathia, mesmo o entusiasmo que por ella e por alguns de seus filhos elle demonstra em abundantes rimas desta sua collectanea.

Apezar daquella circumstancia já referida e desta outra, que só pôde dispôr favoravelmente o animo para com o nosso hospede, devo dizer que não achei graça, não achei merito litterario nas poesias deste seu volume.

Vê-se que o sr. Fogliani é um homem feito. Deve estar preparado, con-

seguintemente, para os desenganos. Num caso como o seu, é preciso dizer-se a verdade sem rebuços, não se tratando de uma jovem intelligencia, que não pôde ser julgada ainda definitivamente e á vista disso cumprir não desilludir pelo facto de uma estréa infeliz.

Os versos do sr. G. Fogliani são destes que nos levam a induzir o auctor a procurar outro caminho. Elles representam uma banalidade só, do ponto de vista da concepção como da fórma.

O sr. Fogliani é um sentimental á maneira dos de 1830 e um satyrico. Julgue-se do sentimental por estas estrophes que ao acaso tomo:

«—La mama mia!! Oh! non m'aspetta più,
L'ho vista ieri a letto;
Fisa, fisa guardarmi; ora è laggiù.
Pria di morir m'ha detto:
Io muoio, figlia mia, ti lascio; tu,
Corri sul cammin retto.
Mi parlava cosi, piangente, smorta;
Or'io la piango! la mia mamma è morta.

Son sola al mondo; senza tetto e pane;
Io non ho da mangiar, nè da dormire.
Come sarò, ove, con chi, domane?
Mi spaventa il pensier dell'avvenire:
Tutte le genti al mondo a me son strane;
E m'è dolce l'idea di morire,
Or che la mia buona mamma è morta.
Nè alcuno, al mondo, m'è di guida e scorta.»

Julgue-se agóra o satyrico por estas outras estrophes:

«Perchè degli altri t'occupi?
E guardi quel che fanno?
Ove vanno e non vanno?
Perchè te ne preoccupi?

Livia, nel tuo cervello,
Dei questo motto scrivere:
«E' bello, è molto bello,
Vivere e lasciar vivere».

Di noi, Livia, occupiamoci,
E non degli altri, no:
E' questo un utilissimo
Consiglio che ti dò.»

O volume tem 298 paginas, mas poderá ficar mais reduzido retirando-se delle as folhas do meio para o fim em que se repetem sete ou oito poesias já impressas no começo do livro.

* *

«NUNTIUS». — LIVRO DE VERSOS, POR CARVALHO DE ABREU. — RIO DE JANEIRO — 1906.

Ao contrario do poeta anterior, este outro deve ser um adolescente, e é pena não ter encontrado quem lhe desse um bom conselho.

Seus versos eram para um caderno de exercicios; não deviam ter vindo a lume. São peiores do que os do sr. Fogliani, porque sobre serem banaes revelam-se perfeitamente infantis.

Conforme a idade em que se ache, o sr. Carvalho de Abreu não deve des- esperar, no emtanto; quem sabe que bonito talento elle não poderá vir a ser?!

Querem uma amostra das poesias do auctor de *Nuntius*?

Leiam este soneto:

«OUTR'ORA

A Manoel Gomes Pereira.

Oh! si me lembro, si me lembro e quanto
Desse tristonho tempo já passado
Em que eu andava sempre carregado!...
Mas mesmo assim eu desprendia o canto.

Então fazia um canto em cada canto,
Chorava o meu viver tão mal fadado:
A um grosseiro caixão sempre abraçado,
Quando chovia um sacco era o meu manto...

Mas que outra sorte ainda me esperava
No livro do destino escripto estava,
Porque após a tormenta ha a bonança!...

Por isso vi surgir no horizonte,
Tal como a aspiração nos surge á frente,
Lindo, o batel das minhas esperanças!...

* *

«DULCE». — COMEDIA EM UM ACTO, POR ALVARES COUTINHO. — RIO DE JANEIRO. — IMPRENSA MODERNA, 1906.

Este auctor é um exemplo vivo a citar ao sr. Carvalho de Abreu para que elle não se lembre de perder o animo. Quem ha quatro ou cinco annos atraz pôde, lêr o *Olhar!*... *Olhar!*... do sr. Alvares Coutinho (nesse tempo creio que elle assignava Pedro Coutinho), e agóra, manuseia estas suas outras paginas, offerecidas a Tina di Lorenzo, não pôde deixar de reconhecer que as de hoje representam um grande progresso.

Talvez que as primeiras fôsem mais esturdias, mais desopilantes, embora se tratasse no caso de um drama ou de uma tragedia (não me lembro bem); mas estas novas de agóra ao menos tem um determinado sentido, entendem-se, do começo ao fim. E, afinal de contas, tambem fazem rir, não tanto pelo effeito comico, é certo (antes parece tratar-se de um drama), mas pela infantilidade que resumbram, ainda superior á que se nota nas composições do poeta Carvalho de Abreu.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

APANHADOS

Cerimonias exquisitas Entre as cerimonias que se realizam na Bohe-
mia, quando se celebra um casamento, figura a de fazer passar a noiva por uma ponte de prata. Essa ponte é construída pelo pae do noivo, collocando sobre uma meza duas filas parallelas de moedas de prata. A recém casada sobe á meza e a percorre pisando as moedas e o marido a recebe nos braços. A ponte de prata symboliza a felicidade que o noivo espera desfructar na vida.

* *

O effeito dum romance Nós falamos no num. 90, anno III, dos *Annaes*, do *Fungle* o celebre romance de Upton Sinclair, «uma obra extraordinaria, que era a reproducção perfeita da vida nos estaleiros de Chicago». Nesse livro espantoso, o auctor mostrava a miseria dos operarios das usinas daquella cidade e descobria as falsificações de carnes conservadas que se preparam em Chicago. Chegámos na nossa informação a dizer que o romance motivára, por parte do governo do municipio, a abertura dum inquerito.

Logo depois de ser tomada essa resolução, o senado norte-americano, sem discussão, sem ter nomeado mesmo uma commissão, votou uma lei para organizar uma inspecção severa em todos os elementos frescos e conservados que saem dos matadouros e de fabricas de conservas de Chicago e doutras cidades. Todos os detalhes dados por Upton Sinclair no seu romance tinham sido verificados e eram completamente exactos. Sinclair foi mesmo convidado pelo presidente Roosevelt para ir á Casa Branca dar as fontes das suas afirmações; elle forneceu as suas provas e foi, a pedido do presidente, que o senado votou a lei.

Raramente a influencia dum romancista se tem feito sentir duma maneira tão manifesta e com uma tal rapidez.

* *

A rendição de Porto-Arthur O conselho de guerra formado para julgar os responsaveis pela rendição de Porto-Arthur acaba de ser encerrado e afirma que a rendição se effectuou muito antes de terem sido exgotados os recursos de defeza e aconselha as

penas seguintes aos principaes culpados: para o general Stoessel, a pena de morte; para o general Fock, 20 annos de trabalhos forçados; expatriação para o general Reuss e uma admoestação severa ao ex-vice-rei almirante Alexeieff.

* *

Os relampagos A duração dos relampagos é muito variavel. Um astrónomo allemão, que dedica especial attenção a esta classe de phenomenos meteorológicos, teve occasião de observar que alguns dos relampagos são duma duração tão pequena, que não alcançam a 1/20.000 de segundo.

* *

Contra o fumo A camara dos lords, na Inglaterra, approvou um projecto de lei prohibindo a venda de tabaco, de qualquer fórma que seja, aos menores de 16 annos. Esta lei auctoriza os professores, agentes de policia e guardas de jardins publicos a apprehenderem os cachimbos, charutos e cigarros encontrados em poder de menores.

* *

Moedas hespanholas A Hespanha é a unica nação do mundo civilizado que possui moedas cunhadas com a effigie duma creança. As moedas em questão foram fundidas em 1888 com o perfil do rei actual, que, naquella epocha, era um menino de poucos mezes.

* *

Viagem ao redor do mundo A viagem ao redor do mundo se póde fazer, actualmente, em 47 dias, saíndo de Londres e passando por Paris, Berlim, Petersburgo, Wladivostock, Yokoama, Vancouver, Nova York e voltando a Londres. O caminho total a percorrer é de 33.136 kilometros, dos quaes 18.289 se fazem em trens de ferro e 14.847 a vapor.

* *

Björnson e Wagner Björnson, no discurso que pronuncion, ultimamente, em Berlim, para a inauguração da estatua do musico scandinavo Nordraak, contou que pensou em compor grandes dramas, cujos assumptos seriam tirados das *sagas* islandezas. Nordraak faria musica para esses dramas. Wagner depois teve a mesma idéa mas, immediatamente, a poz em execução. «Mas, disse Björnson, eu penso que Wagner, nas suas reconstituições, falsificou a mythologia germanica na parte em que elle

dá aos seus personagens uma sentimentalidade sensual que é completamente extranha ao verdadeiro caracter daquellas gentes.»

* *

Educação ingleza

Um deputado inglez, o sr. Reginald Lucas, propoz reformas completas na educação britanica. Para mostrar as faltas dessa educação, elle nos fez conhecer o que foi a sua propria instrucção. Elle passou por Eton e por Cambridge; ahi elle não tinha gosto sinão pelo jogo de *cricket*. O sr. Lucas tinha uma idéa muito vaga do reinado da rainha Anna e isso porque um mestre, por acaso, tornára interessante a lição consagrada áquella parte da historia da Inglaterra. Elle não conhecia nada mais da historia, nem a revolução, nem os acontecimentos que levaram ao throno da Inglaterra a casa de Hanovre. Assim, tambem não distinguia Napoleão I de Napoleão III. Ignorava absolutamente as conquistas successivas que teem dado á Inglaterra a suas colonias e suas relações com os outros povos. Os rudimentos das sciencias modernas — é elle proprio quem o assegura — eram para elle profundos mysterios.

* *

Varias No porto de Famagusta ha uma torre em ruinas, que, segundo a lenda, é o lugar onde se passou a tragedia immortalizada por Shakespcare na sua obra *Othello*.

*

Herrber conquistou o qualificativo de «pianista de ferro» por ter passado 30 horas seguidas tocando piano no *Brighton Aquarium*, em Londres.

*

Quito é a unica cidade do mundo, na região do equador, onde o sol sae e se põe sempre ás seis horas durante o anno todo.

* *

O culto dos ossos segundo um architecto portuguez O monumento dos Jeronymos está outra vez em discussão na imprensa portugueza. Fallou-se em dar, nesse templo, sepultura aos restos de João de Deus, e foi isso proposito para que se gritasse contra a incuria do governo, que não manda terminar o maravilhoso edificio, que é «a melhor joia architectonica e o mais glorioso dos padroes historicos» de Portugal. Houve quem lembrasse o alvitre de se aproveitarem os «confissionarios

muras da Santa Matia de Belém para a sepultura daquelles a quem a patria achasse mercedores das honras do pantheon». A commissão dos monumentos nacionaes protestou e representou ao governo para que não se transformem em tumulos os confessionarios dos Jeronymos, «se fôr transformado, como se projecta, aquelle notavel monumento em pantheon, o que prejudicaria a sua esthetica, pois que aquelles confessionarios são unicos no genero.»

A esse respeito, consultou o *Seculo*, de Lisboa, ao eminente architecto Adães Bermudes, cuja resposta, antes de ser á pergunta, é, sobre o culto dos ossos, curiósissima:

«Tenho maior culto pela memoria e pelas obras dos mortos do que pelos seus despojos mortaes. O espirito dos homens de genio illumina e aquece, através do tempo e do espaço, e nunca se consumir. Os ossos são apenas... phosphato de cal, que a natureza lhes emprestou a curto prazo e que lhes cumpre devolver á natureza.

Considero o culto material dos mortos como uma velha superstição, que acabará como todas as outras, pois que este genero de veneração não passa afinal dum verdadeiro sacrilegio.

Veja-se essa pobre mumia de Sesostris que arrancam ao seu somno de quatro mil annos para a transportar para Europa e que váe para o fundo do oceano com o navio que a conduzia. Veja-se o imperador Carlos Magno, a quem Olhão III, por veneração, devassou a sepultura e tiron o craneo; a quem S. Luiz, por veneração, tirou as tibias; a quem o actual imperador Guilherme II, também por veneração, tirou as magnificas telas que estavam no seu tumulo. Os incidentes que o culto do osso têm provado em Portugal são bem conhecidos, e os Jeronymos que o digam...

Si dos ossos dos heróes passarmos aos ossos dos santos, o culto dos que a estes pertenceram não nos fornece inenens assombrosas surpresas. Ao proceder-se ao inventario dos relicarios dos sanctuarios de mais credito, fizeram-se curiosas descobertas. De Santo André contam-se dezeseite braços authenticos; de S. Thiago conservam-se dezoito; S. João Baptista espalhou pelas differentes cathedraes uns sessenta dedos, dos quaes onze são indicadores; S. Bartholoméu é

mais modesto porque só apresenta nove mãos, o que dá uma insignificancia de quarenta e cinco dedos; de Santa Agatha existem seis seios, mas de Santa Juliana existem mais de trinta cabeças, com que ficaria confundida a propria Hydra de Lerna...

Campanha clerical na Allemannha O centro catholico do parlamento allemão, cuja má vontade ás empresas colonias esteve sempre em campo, acaba de promover uma campanha anti-colonial, amparando-se em recentes revelações escandalosas.

Essa campanha, que, pela violencia, é mais terrivel que as socialistas, é dirigida pelo deputado Erzberger. A primeira accusação foi ao departamento colonial de Berlim, que deu todos os seguros do material transportador para o sul da Africa a uma só companhia, de preços muito maiores que os de outras, só porque o director da companhia preferida é filho de um empregado do mesmo departamento.

Disse mais o sr. Erzberger:

— que um empregado havia recebido, durante cinco annos, uma gratificação por trabalhos extraordinarios que nunca realizou;

— que outro empregado, coronel reformado, recebe soldo sob o disfarce de indemnisações para illudir a lei que prohibe vencimentos eguaes ou maiores aos do tempo de serviço effectivo;

— que os empregados do departamento se apoderaram, para viagens de pandega, do dinheiro da subscrição nacional em beneficio dos soldados do sul da Africa;

— que os officiaes da colonia Camerun construíram casas para suas amantes á custa do Estado;

— que uma grande parte do material, armas e uniformes, ao serviço das tropas colonias, é vendida aos «farmers», que, por sua vez, os vendem aos especuladores;

— que na Republica Argentina se fazem muitas traficancias com esse material;

— que as prostitutas e os despachantes de licôres acompanham as forças enriquecendo rapidamente, e rapidamente arruinando os soldados;

— que os carcerees abarrotam de soldados brancos em vez de prisioneiros pretos;

— que os commerciantes da Colo-

nia do Cabo estão riquissimos com o ouro allemão;

— que os hottentotes fazem também excellentes negocios e capturam muitos carros de provisões das colonias allemãs, que nunca estão convenientemente escottados, e vendem-nas aos inglezes a troco de fuzis e munições.

O sr. Erzberger conta outras coisas ainda, por onde vemos que ellas não existem só na America — como diria um dos nossos philosophos... politicos.

As Academias Livres na Camara A proposito de um projecto mandando pro-

rogar o regimen dos exames parcellados, a Camara ouviu, ha pouco tempo, um discurso excellento do sr. Castro Pinto — excellento pelo brilho, vigor e penetração com que largamente tratou do estado da nossa instrucção publica e pela franqueza com que alvejou os seus defeitos cardeaes. Um dos ataques mais fortes, mais justos, foi em referencia ás Academias Livres. E' claro que não faltaram os classicos e, por isso, innocuos protestos dos interessados, alguns delles professores nesses lamentaveis institutos de ensino. Mas o facto é que toda gente sente a verdade destas palavras do sr. Castro Pinto:

«Mas, sr. presidente, em certas academias livres, algumas, digo eu, resalvando as que se acham na altura de seus fins, poder-se-ia insorever a legenda — academia da ignorancia; condigão de matricula — não saber nada e não ter geito para aprender mais; porque são verdadeiras fabricas de phosphoros.

Estamos soldando o elo da nossa geração da maneira mais deploravel sob o ponto de vista da cultura mental.

Eu me refiro especialmente ao ensino livre, porque realmente assim é.

Compare v. ex. os alumnos que saem das Escolas de Medicina e Polytechnica desta capital com os alumnos que deixam as Escolas Livres de Direito do Ceará e do Pará, e verá que differença existe entre elles quanto ao aproveitamento.

Mencionei as academias do Ceará e do Pará porque é vóz geral estar, nesses dois estabelecimentos, o corpo docente na dependencia dos alumnos, cujo numero de matricula, para substituir a academia, não deve descer aquem do minimo estatuido em lei, do que resulta uma situação desvantajosa para a leal e exacta observancia das exigencias legaes e das principaes condigões do ensino.

O que consta, como já fiz sentir, é que no Pará, como no Ceará, a existencia desses institutos de ensino depende do numero minimo de alumnos exigido por lei, e por isso a propria congregação e o governo estadual condescendem até no terreno criminoso das approvações escandalosas.»

«Nesta terra não houve um desclassificado que, por falta de idoneidade para

qualquer outro mistér, não fôsse aproveitado para professor e até para fiscal.»

Quem pôde negar isso. Pois não estão na consciencia de todos, começando pelo ex-ministro do Interior, essas verdades proferidas na Camara por esse distinctissimo deputado? Essas denuncias são frequentes nos jornaes; faltava quem, com a auctoridade do seu talento, do seu saber e do seu character, as dissesse, como o sr. Castro Pinto, da tribuna parlamentar.

A SANTA ALLIANÇA

A CONFERENCIA INTER-PARLAMENTAR DE LONDRES

A imprensa franceza denunciou uma alliança dos tres imperadores da Allemanha, da Austria e da Russia com o fim de asphyxiar o movimento revolucionario, ou, em termos mais precisos, salvar a dynastia dos Romanoff, impopularisada pela burocracia. Nessa alliança ficou assentado o projecto de intervenção austro-allema na Russia, facto que teria o resultado de abalar outras allianças anteriores, como, por exemplo, a *entente cordiale* entre a França e a Inglaterra.

A imprensa official da Russia não contestou o facto, aliás confirmado por Petrounkevitch, chefe do partido democrata da Duma. Por sua vez, o orgão da embaixada russa em São Petersburgo allude a um despacho de Berlim a Peterhof, do qual se deprehendia que Guilherme II é o principal sustentaculo e o permanente conselheiro do *czar*. Affirma-se finalmente que a dissolução da Duma foi acto inspirado pelo *kaiser*. A *Gazeta de Colonia*, cuja mobilisação, na phrase de Bismarck, vale a de dez corpos de exercito, tão officiosa em Berlim quanto em S. Petersburgo, affirmou categoricamente que o governo russo tinha boas razões para contar com o auxilio das potencias occidentaes, si uma dictadura fôsse proclamada e que sobre esse assumpto se haviam concluido accordos definitivos.

Essas potencias occidentaes não podem ser a França nem a Inglaterra porque não serão ellas as invasoras da Polonia para salvar a autocracia russa: fica, portanto, bem claro que a nova Santa Alliança foi firmada, existe e já funciona como elemento esmagador da agitação liberal na Russia.

Convém muito aos interesses da paz europea indicar á opinião universal as graves consequencias que ameaçariam as nações pacificas, si tomar fôrmas tangiveis a acção repressiva exercida pelos tres imperadores.

A Santa Alliança já infligiu á Inglaterra um grave desastre — o adiamento da visita da esquadra ingleza a S. Petersburgo, o qual evidencia o perigo que poderia correr a Europa si o *czar* appellasse para a intervenção dos visiuhos contra o seu proprio povo.

As razões dessa visita de uma esquadra ingleza ás costas russas não fôram bem conhecidas mesmo no ambiente do governo britannico.

Em principios de julho ultimo, o sr. Edward Grey, falando como director da politica exterior, não hesitou em tomar o partido do governo russo, em consideral-o extranho aos massacres, em censurar o procedimento da Duma, suscitando calorosos protestos no parlamento e da immensa maioria do povo inglez, sustentando a todo o transe o designio de enviar uma esquadra britannica á Russia e não podendo, por motivos de alta politica, indicar a verdadeira razão dessa extranha attitudo, sob pena de desencadear um cataclysmo.

Esses motivos, porém, eram conhecidos em Berlim; e são extremamente graves; elle conhecia os projectos de intervenção austro-allema e a defrontava com todo o poder da Inglaterra.

Chegou-se a dizer, pela vóz de um diplomata allemão, que os inglezes faziam questão de manter uma esquadra no Baltico para se apoderarem de S. Petersburgo no dia em que a Allemanha occupasse territorio russo. E', com effeito, sabido que os mais altos personagens defensores dos interesses mundiaes da Inglaterra, o proprio rei á frente, pensavam em oppôr áquella intervenção uma outra intervenção.

A politica allemã agiu como si a Inglaterra, insistindo pela visita, pretendesse frustrar a acção austro-allema e fazer da guerra de coalisação reaccionaria uma guerra universal. Si a Santa Alliança pretende intervir em favor da aristocracia russa, torna-se necessario, antes de tudo, afastar a Ingla-

terra do campo de acção, impedindo a esquadra ingleza de cruzar no Baltico, ter á sua disposição a capital moscovita e ameaçar as costas allemas em condições desastrosas para a politica de Guilherme II, porque, na hypothese de uma conflagração anglo-allema, seria de vantagem decisiva para a Inglaterra ter uma forte esquadra no Baltico no momento do inicio das hostilidades.

A opinião publica ingleza foi o melhor auxiliar da Allemanha. Nem o publico nem certos membros do governo estavam bem a par da situação. Um dos lords do almirantado censurou publicamente a attitudo do sr. Edward Grey e pediu, entre applausos de toda a Inglaterra, que se não desse ao cazarismo uma prova de confiança como seria essa de enviar uma esquadra a Cronstad. Iam assim, inconscientemente, ao encontro dos ardentes desejos da Allemanha, cujo oonho não era, certamente, intervir na Polonia e achar-se em face da Inglaterra.

A visita foi adiada por ordem do *czar* e a Inglaterra se felicitava unanimemente por essa decisão de alta conveniencia, não percebendo a victoria dos planos da rei da Prussia.

Entre o desejo da Allemanha de conservar as forças inglezas afastadas do Baltico e de lhe demonstrar a realidade de uma proxima *entente* anglo-russa, o *czar* ligado pelas convenções sobre o *statu quo* na Polonia e a sua permanencia no throno autocratico, decidiu-se bruscamente a sacrificar aquella *entente* á nova Santa Alliança.

Mas os acontecimentos na Russia se precipitaram. A dissolução da Duma creou uma situação internacional completamente nova e é sabido, nas regiões officiaes da Inglaterra que nessas resoluções, cujas consequencias funestas estão devastando o imperio moscovita, muito influiram os conselhos de Guilherme II, que, contra a propagação da anarchia, o desenvolvimento da insurreição na Polonia e nas provincias balticas, acharia pretexto para executar os projectos concertados em Schoenbrunn com o imperador da Austria.

Em contraposição, o governo inglez achou necessaria uma insinuação de advertencia aos membros da nova al-

liança, no discurso pronunciado pelo chefe do gabinete de S. James, o sr. Campbell Bannermann, na conferencia Interparlamentar, discurso de immenso alcance, no qual não hesitou em declarar que a Inglaterra mantinha as suas sympathias pela Duma dissolvida, reprovando assim a politica do *czar*, apoiada pelo imperador da Allemanha. — A Duma morreu. Viva a Duma!... exclamou o chefe responsavel do governo inglez, com pleno conhecimento de causa, não só em seu nome pessoal, mas com o assentimento do governo e em nome da Inglaterra official, reconhecendo, implicitamente, na representação nacional supprimida, a verdadeira anctoridade governamental da Russia.

Esse acto inesperado esclareceu a situação. Não é mais possível acreditar na neutralidade da Europa occidental no caso de uma intervenção austro-allema na Polonia e nas provincias balticas.

A situação seria a mesma quer o *czar* a desejasse quer se limitasse a não se oppôr a ella: ficaria enfeudado sem remissão á politica allema, inutilizando o accordo anglo-russo.

Por outro lado, depois desse choque provocado pela Allemanha, a Inglaterra não poderia permittir a criação de um novo bloco de cazarismo, cujas forças ao serviço da Allemanha se concentrariam, em breve, contra o imperio britannico, lesado nos seus interesses vitaes si a Allemanha chegasse a adquirir uma hegemonia essencialmente anti-ingleza, estabelecendo preponderancia economica sobre a nação russa esmagada e pezando com toda a força brutal do seu novo poder sobre a vida das duas grandes potencias occidentaes.

As intrigas empregadas para evitar a visita da esquadra ingleza ás costas do Baltico constituem a prova mais precisa de que a Santa Alliança deve ser, como a do seculo passado, uma coalisão de autocratas contra o espirito de liberdade, dominante na Inglaterra e na França.

* * *

E' digno de nota que as declarações do sr. Campbell Bannermann fôram feitas na Conferencia interparlamentar de Londres, incumbida de organizar o programma da proxima Confe-

rencia de Haya, na qual se tratou particularmente da solução pacifica dos conflictos internacionaes e da redução dos armamentos.

O arbitramento, precisamente na fórma da ultima resolução da conferencia americana do Rio de Janeiro, será adoptado com restricções para os casos essenciaes concernentes á soberania, á honra das nações, ficando assim subsistentes as principaes causas da guerra.

Os parlamentares de Londres votaram para que a proxima conferencia de Haya torne obrigatorio o recurso prévio, sinão ao arbitramento, ao menos a um inquerito internacional antes do appello ás armas, cujo effeito seria conhecerem as partes em litigio a opinião das outras potencias, o que não impediria o mais forte de recorrer á *suprema ratio*, mesmo quando se verificasse a justiça da causa do adversario. Esse inquerito sem o arbitramento compulsorio nada valeria, seria impossivel por supprimir um dos mais importantes factores da guerra moderna — a surpresa. O adeantamento de algumas horas na mobilisação, um inicio de operações feliz pôdem decidir da sorte da campanha.

As nações não se empenhariam jámais nesse compromisso e si o fizessem não o cumpririam.

Quanto ao desarmamento, são conhecidas as difficuldades de um accordo lealmente observado por todas as potencias. Os parlamentares de Londres comprometteram-se apenas a fazer sentir aos seus governos a conveniencia de inseril-o no programma da conferencia futura.

Essa importante questão não figurou no programma organizado pelo *czar* para a conferencia de 1899, de conformidade com os desejos da Allemanha. Essa aspiração pacifista foi naquella epocha rejeitada por unanimidade, como impraticavel nas condições actuaes do mundo e, desde então, o estado das relações internacionaes, as ambições, como demonstra a situação da Russia, a organização da Santa Alliança, não melhorou de modo a permittir a realisação da redução de armamentos. A situação, em vez de se attenuar, complica-se em proporções ameaçadoras.

O ALMIRANTE (94)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXX

Amelia ouvia vencida, mas não convencida, essas considerações com que o excellente coração da marquezia attenuava as faltas de Dolores. Ella bem quizera objectar que o peccado apodrece as almas e inspira essa natural repugnancia que se figurava falta de caridade. Quando a graça de Deus abandona uma creatura, não é para admirar que as outras não contaminadas fujam della, como de um perfido perigo suscitado pelo demonio.

A marquezia consultou de novo o relógio com um gesto de impaciencia. — A esta hora — disse ella — está sendo jogada uma importante cartada da partida, talvez a ultima.

E, como Amelia não comprehendesse o sentido dessa affirmação, ella continuou:

— Tu vives voltada para o céu, indifferente ás coisas mundanas; não te lembras que a esta hora está se decidindo da sorte do governo da Republica com a eleição do presidente. Os reaccionarios oppuzeram ao candidato do exercito Prudente de Moraes, que reennirá os votos da maioria civil do Congresso. Si elle fôr victorioso como esperamos e parece certo, o elemento militar reagirá com vehemencia, e Deodoro, num lance de represalia a essa desconsideração, será capaz de destruir a obra que tantas decepções lhe tem causado. Dahi para a victoria da nossa causa dista um passo. Os nossos fieis estão a postos. Está tudo preparado para esse resultado. Izabel, a Redemptora, voltará á patria, que a receberá de braços abertos, entre acclamações euthusiasticas, como no dia em que libertou os captivos: virá libertar os brancos da oppressão da Republica.

A marquezia falava com o tom de exaltação que coloria as suas palavras quando se referia á politica, que, depois da partida de Oscar, volvera a preoccupar com mais vehemencia o seu espirito. Ella tivera repetidas conferencias muito mysteriosas com o dr. Amador, encarregado de preparar as massas ou os revolucionarios profissionaes que, naquella epocha de crise nacional, estavam á mercê do primeiro impulso, á cata de aventuras perturbadoras. Conseguira conquistar para as suas idéas a palavra eloquente de Sergio de Lima, considerado no Congresso o mais valente adversario do militarismo, dizendo, com estupenda franqueza, verdades asphyxiadas na bocca dos homens, amordaçada pelo terror. Não traíndo os seus idéas

democraticos, elle se collocára á frente de um grupo de partidarios do governo civil, considerando que, com o Congresso constituinte, terminava a phase do dominio militar, justificado pelo perigo dos primeiros dias da mudança de fórma de governo. Era tempo de inaugurar a vida constitucional da nação, entregando-a a uma administração civil.

A' hora em que a marquezia conversava com Amelia, estava reunido o Congresso para a eleição do primeiro presidente. No recinto das sessões, vasto amphitheatro construido na residencia imperial de S. Christovão, estavam reunidos quasi todos os representantes, em cujos semblantes repercutia a extraordinária commoção daquelle momento solemnissimo. Nas galerias, apinhadas de espectadores na maior parte suspeitos, ou interessados na victoria de Deodoro da Fonseca, figuravam á paisana próceres do Exército, os mais ardentes defensores da politica militar, aguardando numa silenciosa attitudo ameaçadora, o resultado da eleição. Os representantes das suas cadeiras se entreolhavam significativamente trocando a impressão de angustiosa asphyxia daquelle recinto carregado de effluvia apaixonados, prestes a explodirem devastadores. E instinctivamente mãos tremulas apalpavam armas occultas nas correctas sobre-casacas burguezas.

Prudente de Moraes deixára a presidencia, e o vice-presidente, occupando a curul no centro de alto estrado, annunciava a eleição no meio de um abafado murmúrio, que parecia o sopitado rugido de um monstro. A chamada se realizou no meio de um silencio de morte. Cada um dos representantes subiu solemnemente o estrado e depositou o seu voto na grande urna. Apenas um delles, Almino Affonso, onzou com vóz clara e sonora exclaimar deante do auditorio absorto: *Pro voto civium, proque universa republica*. Não havia um sorriso nos labios de todos aquelles homens empolgados de commoção: todas as frentes se obumbravam com a suprema preocupação daquelle primeiro passo na vida constitucional.

Chegon a vez da apuração. Além dos fiscaes do voto, de antemão designados, postaram-se atraz dos escrutadores alguns dos deputados mais interessados na eleição, verificando com evidente desconfiança o numero de cédulas. Começom a leitura dos nomes dos candidatos votados. Por uma ironia do azar, as treze primeiras cédulas continham o nome de Prudente de Moraes e, como si isso fôsse prenuncio de uma formidável maioria, cada vez que aquelle nome era pronunciado com um accento de surpresa,

os congressistas se agitavam em movimentos incoerciveis e nas galerias ia crescendo um rumor soturno e vago como os echos longinuos de uma tempestade approximando-se rapidamente. Treze votos, sem um só dado a Deodoro, pareciam assegurar a victoria do candidato civil.

Houve um suspiro de allivio quando foi lido o nome do proclamador da Republica, suspiro que foi augmentando em vózes de applausos que explodiram em aclamações atroadoras quando o numero de votos lhe deu victoria. O resto da leitura se realizou numa confusão de vivas á Republica, vivas a Deodoro, ao povo, rumor irreverente que partia das galerias e se ajuntou á salva de palmas dos representantes quando o presidente proclamou o resultado da eleição.

Sergio de Lima, revoltado contra o procedimento do Congresso, vociferava de pé sobre uma cadeira no meio dos collegas e vaticinava com largos gestos tribunicios calamidades que, desde aquelle momento, se desencadeariam contra as instituições. Mas a sua vóz se perdia sem echo, como um protesto sentimental na volumosa massa de applausos de vencedores exultantes e de vencidos resignados á derrota.

A noticia foi immediatamente transmettida ao centro da cidade, afixada á porta dos jornaes, posta em circulação por meio de boletins rapidamente impressos, largamente distribuidos e avidamente lidos. Pela rua do Ouvidor passavam bandos de civis e militares apregoando num tumulto entusiastico, o resultado da eleição. E o delirio se propagava agitando a multidão, como si naquelle lance se houvesse, na verdade, decidido a sorte da Republica.

.....

Cansada de esperar, a marquezia recolhia ao palacio quando encontrou o conselheiro, d. Eugenia e Laura, muito assustados pelos rumores de movimento de tropas, pela agitação que repercutia nas ruas mais afastadas do centro da cidade.

— Que houve? — perguntou a marquezia, dirigindo-se ao conselheiro.

— Não sei, minha senhora — respondeu elle, num angustioso tom de timidez — Ha grande agitação na cidade, mas nós nada sabemos com segurança. Pensamos na senhora, que estava só neste palacio, e viemos demonstrar-lhe que o logar dos seus amigos, uos momentos afflictivos, deve ser ao seu lado.

— E a eleição? — retorquiu a marquezia — Venceu o Prudente? A tropa revoltou-se? ..

— Não sabemos — interrompeu d. Eugenia — Mas alguma coisa houve...

A marquezia fazia gestos de impaciencia e proferia phrases que lhe traíam a agitação dos nervos distendidos na longa e torturante espera da desejada noticia da eleição.

— E' possível? — murmurou ella — Nada sabes então? Como verificar a verdade?... Seria capaz de ir em pessoa á cidade. Esta incerteza me tortura...

E caíu extenuada sobre a poltrona de couro da Russia que ella costumava occupar quando recebia os amigos.

— Si v. ex. ordena — observou o conselheiro — irei eu saber o que houve.

— Não; não exijo esse sacrificio, meu caro amigo — respondeu ella, vivamente — E o Castrinho, o Sergio? onde estarão? ..

Amelia sorria, não compreendendo a razão dessa anciedade. E havia nos seus labios esse tom de ironia com que os devotos julgam as futilidades humanas, o que não concerne á salvação das almas, a unica preocupação dos mortaes.

Ouvia-se, então, um ruido de carruagem estacando defronte do palacio. Pouco depois, Sergio de Lima e o dr. Amador entraram no salão. Vinham extremamente pallidos e pararam hesitantes, antes de poderem uzar da palavra, embargada pela commoção e pela fadiga.

A marquezia ergueu-se subitamente numa attitudo de interrogação, que Sergio de Lima respondeu com um expressivo gesto de desespero.

— Venceram — murmurou o moço, desanimado — Tudo perdido...

— Perfídia dos amigos — rugiu o dr. Amador, como si a sua vóz rouca passasse através de um filtro de odio. Mas... Deus é grande e protege o Brazil.

Fulminada pela noticia, a marquezia tombou sobre a poltrona, os olhos fixos, o rosto decomposto numa lividez marmorea, as mãos hirtas, recurvadas como garras.

— Coragem minha senhora — murmurou Amador, compondo os cabellos revoltos, a lhe caírem sobre a fronte — Não devemos desanimar com esse revéz, pagaremos mais caro a victoria final, decisiva.

Sergio approximou-se da marquezia e, em attitudo genuflexa, beijou-lhe as mãos, murmurando meigamente:

— E' preciso que viva para nos alentar na adversidade, para nos guiar com a sua inspiração. As decepções da politica não devem abalar o seu grande espirito. A sua missão providencial não terminou para nós, para aquelles que a amam.

— Sim — exclamou a marquezia, com grande esforço, como si lhe voltassem restauradas as energias de um olhar superior — Eu viverei para a familia, para Oscar, para a esperanza na minha consoladora illusão.

Num gracioso gesto maternal, ella tomou a cabeça de Sergio, beijou-o na fronte e indicou Laura, que contemplava essa scena com os olhos esmaçados de lagrimas.

FIM

Conferencias Pan-Americanas

RESOLUÇÕES DA TERCEIRA CONFERENCIA INTERNACIONAL AMERICANA

Sob a fórma de reminiscencias, informámos os nossos leitores — num. 91, 92, 93 e 94, anno III, dos *Annaes* — da iniciativa, dos processos e resultados das conferencias de Washington e do Mexico, quanto ás mais importantes questões nellas debatidas, habilitando-os, assim, a formarem, com esse subsidio, criterio proprio dos trabalhos da actual e a ajuizarem do progresso e da utilidade dessa maneira de congratamento das nações americanas.

Tratou-se, em todas ellas, inclusive na Conferencia que acaba de ser encerrada, de semear, *larga manu*, idéas victoriosas na opinião unanime da America democratica, concretisadas em votos solemnes como aspirações que já tem o apoio de uma robusta solidariedade.

E partilhámos a opinião do presidente da terceira Conferencia no sentido da impressão de harmonia, da unidade de sentimentos manifestados durante os trabalhos que eram objecto de especial attenção do mundo civilisado.

«Alguns temores — disse o sr. Nabuco — que precederam á nossa reunião dissiparam-se por encanto com ella e assim pôde-se ver que tinham sido méros *malentendus*. As nossas discussões versaram sobre o modo ou o meio de alcançar o fim desejado, e não sobre o objectivo mesmo. Outras fôram questão sómente de fórma. Neste sentido pôde-se affirmar que o espirito desta terceira Conferencia é muito promettedor para o desenvolvimento dellas, porque não accuza nenhum vestigio de desconfiança ou scepticismo, quanto ao papel que ellas podem representar na união e progresso do nosso continente. Esse papel está hoje fóra de duvida. A instituição cresceu notavelmente nesta terceira phase. A sua razão de ser fica assentada para todas as nações do continente. Nenhuma agóra lhe pede mais do que ella pôde dar e todas a olham com a mesma boa vontade.»

O discurso com que o presidente da Conferencia encerrou os seus trabalhos,

poupa-nos, a todos os respeito, o serviço de — á maneira do que fizemos em relação ás outras — compendiar as resoluções que ella tomou.

«E' me grato recordar a vossa obra. Começastes louvando a feliz mediação do presidente Roosevelt e do presidente do Mexico para o ajuste de paz entre as Republicas de Guatemala, Honduras e Salvador. Tivemos, com effeito, a fortuna de reunir-nos quando a paz na America Central acabava de restabelecer-se.

—Ratificastes a adhesão das Republicas Americanas ao principio do arbitramento e fizestes um appello á futura Conferencia de Haya para que o perpetue em um tratado digno da approvação do mundo civilisado. Com effeito, aquelle grande principio para não ser sacrificado em tentativas que o inutilizem precisa que as luzes todas do mundo civilisado concorram para lhe dar a fórma e a sancção de que lhe é susceptivel. Seria uma grave responsabilidade compromettel-o por qualquer precipitação.

—Reorganizastes a Secretaria Internacional das Republicas Americanas em Washington, dando-lhe um novo praso de dez annos e convertendo-a em uma instituição capaz de preencher os seus elevados fins como um centro permanente de acção commum entre as Republicas deste continente para tudo que diz respeito ás suas relações e ao seu progresso. O desenvolvimento que destes áquella Secretaria, as fundações que idéastes nos respectivos Estados e ao lado della para a auxiliarem na sua acção bastariam para justificar a reunião desta Conferencia.

— Firmastes uma Convenção regulando os effeitos da naturalisação no caso de renovar o naturalisado a sua residencia no paiz de origem por mais de dois annos. Não vizastes casos de necessidade ou de boa fé e para os paizes onde a naturalisação é facil a Convenção desanimará ou corrigirá a acquisição de nacionalidade, procurada com fins que não sejam patrioticos.

—Prorogastes até 1912 o tratado sobre reclamações pecuniarias, assignado no Mexico em 1902, sujeitando-as a arbitramento quando o recurso diplomatico seja justificado.

—Creastes uma dependencia da Secretaria Internacional das Republicas Americanas para o fim de estudar a

legislação aduaneira do continente e de reunir e prestar esclarecimentos para se promover a uniformidade della e tambem para uniformizar as suas estatisticas commerciaes.

—Creastes uma commissão de juriconsultos, tendo por primeira séde o Rio de Janeiro, encarregada de preparar um Codigo de Direito Internacional Publico e outro de Direito Internacional Privado que regulem as relações entre os paizes da America. Essa será a contribuição do nosso continente para o progresso do Direito Internacional, que tende a ser um só, mas cujas variantes auctorizam ou facultam tantas nórmas de proceder diversas entre as nações. E' uma contribuição que não pôde deixar de ser importante, tão consideravel já tem sido no Direito Internacional a influencia do nosso continente, graças ás iniciativas adeantadas que os Estados-Unidos teem tido nelle. Quando mais não fôsse, tudo que seja attraír o gosto e o estudo dos nossos publicistas para o direito e as questões internacionaes é um serviço prestado á cultura dos nossos paizes.

—Creastes uma união das nações da America para o fim de proteger, por meio de um registro internacional adequado, a propriedade litteraria e industrial com dois centros, um na cidade de Havana, outro na do Rio de Janeiro.

—Prestastes séria attenção aos meios de desenvolver a acção da Secretaria Sanitaria Internacional de Washington, entre outros meios dando-lhe uma auxiliar num Centro de Informação quanto á America do Sul, que estabelecestes na cidade de Montevideo, e pondo-o em relação com a Secretaria Sanitaria Internacional de Paris.

—Recommendastes aos nossos governos que considerem a conveniencia de pedir á Conferencia da Haya que estude a questão da cobrança pela força de dividas publicas e, de modo geral, os meios tendentes a diminuir entre as nações a possibilidade de conflicts de origem exclusivamente pecuniaria.

—Deixastes assim aos nossos governos a liberdade de acção em uma materia que, si não é difficil quanto ao principio mesmo, é, todavia, delicada

quanto ao modo de suscitá-la perante o mundo e de incorporá-la ao Direito Internacional.

—Confirmastes o tratado sobre o exercicio dos profissões liberaes assignado na segunda Conferencia.

—Manifestastes o vosso interesse pela continuação da obra do caminho de ferro pan-americano, pelo desenvolvimento do commercio, das communicações rápidas, do serviço postal e de encomendas entre as diversas nações, pela isenção de taxas para as mercadorias em transitio.

—Manifestastes interesse de colligir todos os dados possiveis sobre o systema monetario das Republicas Americanas e sobre as fluctuações do cambio nos ultimos vinte annos. Com effeito, as oscillações d'elle são a maior causa de perturbação nas relações commerciaes de toda ordem, sobretudo nas internacionaes, e o maior obstaculo ao affluxo de capitaes estrangeiros.

—Fizestes, no interesse da introdução desses capitaes nos paizes americanos, além dessa, outras recommendações importantes, com relação ás concessões de terras, minas, florestas e obras publicas.

—Recommendastes a reunião de uma Conferencia Internacional Americana na cidade de S. Paulo em beneficio dos paizes productores do café. A cidade de S. Paulo terá grande honra com tão significativa escolha.

—Recebestes solemnemente o secretario Estado dos Estados-Unidos da America na sessão de 31 de julho, e a maneira por que acclamastes as suas palavras e applaudistes a declaração do ministro das Relações Exteriores do Brazil, de que em honra daquella visita este palacio receberia o nome de Palacio Monröe, veio mostrar que em parte alguma poderá existir mais esperanza de um antagonismo politico entre a America Latina e a União Americana e que a aspiração geral do continente é formar um dia uma só amphyxionia em todo o dominio do Direito Internacional e para todos os interesses communs da nossa civilização.

Assim como affirmámos desse modo a existencia do systema politico americano, mostrámos, ao reservar para a Haya a solução de duas grandes ques-

tões, que não reconhecemos a existencia de um direito internacional privado nosso e que não formamos communhão á parte da civilização universal.

Para o fim dos nossos trabalhos, quando tudo deslizava do modo o mais auspicioso, fomos surpreendidos por uma dessas catastrophes que deixam um traço prolongado na historia, o terremoto de Valparaizo. As nações aqui reunidas disputaram-se a honra de render a primeira homenagem ao Chile em nome de todas; as bandeiras de todas ellas, por voto geral, fôram postas em funeral e o ficarão até á hora do nosso encerramento. Eguamente a Conferencia expressou o voto de que, ao abrir-se a quarta Conferencia Americana, estejam de novo correndo dias de regosijo para a nação chilena.

—Por ultimo confirmastes aos representantes dos Estados americanos em Washington o poder de fixar a epocha e o logar da futura Conferencia, por ser preciso que o poder de convocar estas assembléas exista sempre em algum corpo, mas deixastes constancia nas vossas actas da sympathia unanime com que foi recebida por vós a indicação de Buenos Aires.

A principal funcção destas Conferencias será por muito tempo ainda, durante toda a phase da acclimação, a de reunir-se periodicamente, e o mais favoravel symptoma dessa acclimação será a bôa vontade e a harmonia que eu assignalei. Nesse sentido, a terceira Conferencia já indica um crescimento muito mais saudavel; é, porém, preciso dar tempo para crescer a arvore que tem que viver seculos; não se deve esperar que ella dê a sombra antes de crear raizes. Por ora, ella ainda depende de cada um; o tempo virá em que todas dependão della.»

* *

ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA

Em sessão solemne, fôram no dia 27 encerrados os trabalhos da Conferencia, no Palacio Monröe.

O sr. Hevia Riquielme, delegado do Chile, reiterou agradecimentos pelas provas de sympathia do povo brasileiro e do Congresso, no momento da catastrophe que profundamente feriu o seu paiz, fazendo votos para que a Divina Providencia recompense com a maior somma de beneficeos os paizes americanos, afastando delles todos os obstaculos ao seu progresso.

Recebido entre applausos, o sr. barão do Rio Branco leu ligeiro discurso exaltando a obra do Congresso, cujos membros trabalharam com calma, adoptando resoluções importantes sem recorrerem ás justas da oratoria, sem perder tempo, pois até as festas que se organizaram para distraír e dar repouso aos srs. delegados, pela falta material de tempo, agglomeraram-se, fatigando talvez os illustres hospedes.

Lembrou as palavras do delegado argentino pronunciadas no dia 25 no bauquete do palacio Itamaraty, de que «os delegados voltavam a seus paizes mais americanos que vieram», declarando que o Brazil, se sente feliz com esse resultado.

Terminou encerrando em nome do sr. presidente da Republica a terceira Conferencia Internacional Americana.

Da parte de todos os delegados, respondeu o sr. Gonzalo Ramirez, que leu o seguinte discurso:

«Deve parecer-vos extranho que o mais humilde dos delegados a esta assembléa, representante de um modesto povo americano, tenha recebido a altissima honra de interpretar os sentimentos dos mandatarios de dezete nações da America no momento em que, no vosso character de presidente honorario da terceira Conferencia Internacional Americana, váe declarar encerradas as suas sessões.

Por meu paiz e por mim, accitei tão nobre distincção como prova irrecusavel de que, na vida internacional americana, como proclamou a nossa poderosa irmã do Norte, as nações são igualmente soberanas. Ante o *verdictum* do direito não ha, na America, soberanos, grandes ou pequenos, e cheguei a pensar, que em homenagem aos fracos, tenho, nesta solemnidade de confraternisação americana, o direito de invocar na abençoada terra brasileira a representação de todo o continente.

Não nos compete ser censores ou apologistas da nossa propria obra. Para perseverar nella com plena convicção do triumpho definitivo, não devemos olvidar que, neste continente, grandes e pequenos trabalham pela realização dos mais elevados dos idéaes que mereçam premiár o labor intellectual e moral do seculo XX.

Pugnamos fortes e fracos, e esta união constitúe o nosso irresistivel poder, para que no mundo colligado seja sempre justa a força e forte a justiça.

As Conferencias Internacionaes são assembléas de homens livres, que representam nações igualmente soberanas e no debate em que se abordam questões concernentes, fundamentalmente, ao bem-estar da America, solidario com o da humanidade, apparece sempre, como o mais ardoroso apostolo da fraternidade do nosso conti-

nente, o grande povo dos Estados Unidos da America.

Reduzam-se o mais possivel os progressos alcançados até agóra: tanto que a instituição do Congresso Pan-Americano viva no ambiente de aspirações generosas, dignas de corações sadios e de espiritos alevantados, será sempre um agente de progresso, mensageiro da paz e fraternidade entre as nações.

Não devemos ainda olvidar que nos acompanha em tão nobre empreendimento a nação mais poderosa da terra, que essa nação, antes de ser grande pelo seu poder, pela sua riqueza, foi forte pelas virtudes cívicas de seus filhos, pela alta estatura moral dos fundadores de sua independencia. Contamos com essa grandeza moral para o exito do nosso labor humanitario e civilizador e abençoamos essa força quasi omnipotente que selou a fraternidade do Velho e do Novo mundo, consagraudo para sempre, com nobre altruismo, a integridade do nosso continente.

E' nessa magnifica companhia que os delegados de toda a America constituiram o recinto da terceira Conferencia Internacional Americana, respondendo ao convite dos Estados Unidos do Brazil e sob a presidencia honoraria de seu illustre secretario de Estado, o eximio estadista brasileiro, de quem se póde dizer que assiste em vida á sua posteridade.

E' tradicionalmente conhecida, e a experiencia todos os dias a confirma, a gentileza do povo brasileiro.

O calor tropical que aquece a terra do Brazil, mimosa da natureza, magnificada pelo trabalho do homem livre, agita sempre vivamente, com sentimentos generosos, o coração de seus filhos.

Não se deve, pois, extranhar que, nos dias em que transpuzemos os umbraes do nosso lar nacional, estivesse em todos os labios brasileiros a hospitaleira palavra — irmão. Pela nossa parte, correspondendo dignamente a tão grato acolhimento, estreitamos fileiras, confundindo aspirações e unificando vontades na conquista dos mais elevados intuitos.

Senhor ministro: o Congresso Pan-Americano nasceu para a vida institucional, vinculado pela epocha de sua

creação a uma das grandes evoluções da vossa vida cívica nacional.

O Congresso celebrou em Washington a sua primeira conferencia, tomando assento em suas sessões os delegados do Imperio do Brazil, a qual desapareceu antes do encerramento. Aquelles delegados não desertaram de seus postos, mas haviam caducado as suas credenciaes por deixar de existir o Imperio que representavam. Quatorze milhões de brasileiros resolveram constituir-se em republica, consagrando pelo ministerio da lei, contra o qual não se prescrevem os direitos inalienaveis dos povos, a fórmula definitiva da democracia no vasto continente da America.

Tres lustros decorreram desde então, e assombraes o mundo, em tão curto periodo de vida republicana, com os progressos e audacias geniaes que, em outras nações, demandariam o paciente trabalho de um seculo. Muito bem para Republica, muito bem para a America.

Com estes sentimentos de justiça e de sincera fraternidade, assistimos á sessão solemne de encerramento da Terceira Conferencia Internacional Americana e ao separarmo-nos desejamos significar que, si levamos gratissima memoria da franca cordialidade e elevada cultura do povo brasileiro, temos tambem em alta estima a sciencia juridica da vossa patria e a expressamos de maneira irrevogavel, confiando ao seu governo progressista a direcção dos trabalhos da codificação do direito internacional publico e privado, trabalhos que serão inaugurados no anno vindouro nesta formosa capital fluminense.

E agóra, senhores delegados, convidovos a erguermo-nos em honra dos Estados Unidos do Brazil, que mantiveram sempre o culto de seus grandes servidores e que assignalam, hoje, entre muitos outros estadistas e tribunos, á consideração de nacionaes e estrangeiros, o barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Quintino Bocayuva e Assis Brazil; em honra do Brazil, senhores delegados, a ultima das nações sul-americanas nascida para a vida republicana, para o prestigio das instituições do nosso continente e honra da raça que o habita. »

RECEBERMOS:

— « *Anthologia Brasileira* », selecta em prosa e verso de auctores brasileiros, approvada pelos Conselhos Superiores de Instrução dos Estados de Minas, Pará e Rio de Janeiro, contendo 122 excerptos em prosa e 120 em verso; 2ª edição; pelo sr. Eugenio Werneck, educador em Petropolis. A critica tem recebido com applausos essa collectanea organizada pelo sr. Werneck, e é de justiça salientar o criterio com que elle levou ao fim essa tão util tarefa, compondo, num excellente volume, escriptos varios dos nossos mais illustres escriptores. A' paglna 87, vem um trecho do *Luzia Homem*, romance do nosso director o sr. Domingos Olympio, de quem escreve o sr. Werneck a seguinte noticia:

« Estimado como escriptor politico e jornalista notavel, dos melhores que possuímos, estréou Domingos Olympio no mundo propriamente das lettras com o seu livro *Luzia Homem*, com cujo apparecimento conquistou o seu auctor uma reputação solida de romancista de costumes.

Vocação jornalística desde a Academia, tem o nosso romancista redigido varios jornaes, entre elles, o *Commercio*, e, ainda agóra, a excellente revista de lettras, os *Annaes*, collaborada pelos nossos melhores escriptores. Sob o pseudonymo de *Pojucan* escreveu para o *Paiz*, primeiro, e depois para o *Correio da Manhã* acintillantes chronicas; tem escripto tambem no *Kósmos*.

Nos *Annaes* publica actualmente o romance — *O Admirante*, e tem promptos: *O Negro*, romance; *Domitilia*, comedia historica em tres actos, dos tempos da Independencia, *Historia da Missão Especial de Washington* e mais dois volumes, um de contos, outro de chronicas.

O dr. Domingos Olympio fez parte da Missão Especial de Washington, que resolveu a velha questão de limites com a Republica Argentina e da qual foi chefe o benemerito barão do Rio Branco.»

.....

Toda a correspondencia relativa aos « *Annaes* », deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfrido Ribeiro.

XADREZ

TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Um pouco friamente, váe correndo este torneio em que se inscreveram apenas 10 socios do Club, de força desigual.

Serão jogados dois turnos e aos dois vencedores o Club dará, como premios, dois bronzes que se acham expostos no salão de xadrez.

Publicamos hoje uma partida jogada entre dois concurrentes de força quasi equal. O dr. W. B. Hentz é provector, e tem visão clara dos recursos que lhe proporcionam as situações complicadas. O dr. Annibal da Costa Pereira é novo, mas já indicado como um futuro mestre. A sua resistencia ao seu forte contendor prova isso mesmo, Genero impassivel.

O quadro que damos em seguida diz a situação do torneio até o dia 24.

1º TURNO

RESULTADO A 24 DE AGOSTO DE 1906

| Nome | H. Costa | W. B. Hentz | Th. Torres | A. Pereira | A. Loup | Bocayuva | B. Allen | Vito de Sá | Ouro Preto | Burlamaqui | Numero de pontos |
|-----------------------|----------|-------------|------------|------------|---------|----------|----------|------------|------------|------------|------------------|
| Henrique Costa | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| W. B. Hentz | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Theophilo Torres | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Annibal da C. Pereira | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Augusto Loup | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1/2 |
| O. Bocayuva Junior | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1/2 |
| Barten Allen | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1/2 |
| E. Vito de Sá | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| Vicente de Ouro Preto | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1/2 |
| Armando Burlamaqui | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

O XADREZ EM S. PAULO

O Estado de S. Paulo inaugurou uma secção de xadrez sob a direcção do Club Internacional de xadrez. A esse proposito diz o conceituado orgão:

«O club está installado em dois espaçosos salões do segundo andar da Casa Martinico, situada no largo do Rosario.

Fundado em 1 de março, com 83 socios, conta actualmente, 165.

As vinte mezas de jogo, dispostas nos dois salões, são já insufficientes. Dia a dia augmenta a frequencia de socios, o que significa o grande interesse que tão innocente e util jogo vá despertando na nossa mocidade intelligente.

Na proxima segunda-feira serão abertas as inscrições para os torneios annuaes de primeira, segunda e terceira classes.

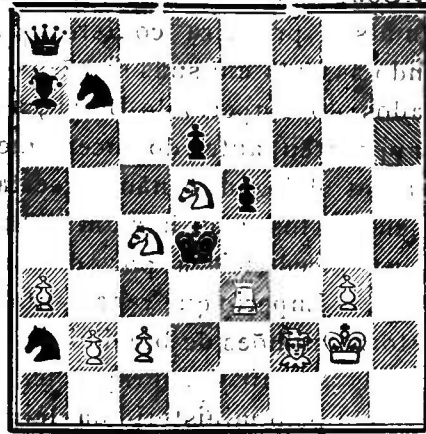
Em 1 de setembro realiza-se uma assembléa geral para admissáo de novos socios e escolha dos premios que serão conferidos aos vencedores das tres classes.

Estamos certos que, com a nova secção que vamos iniciar, concorreremos para que se propague o mais intellectual dos sports, o que mais concorre para o desenvolvimento das funcções cerebraes, sobretudo da attenção e do raciocinio.

PROBLEMA N. 62

Dr. A. W. Galitzky

PRETAS (7)



BRANCAS (9)

Mate em tres lances

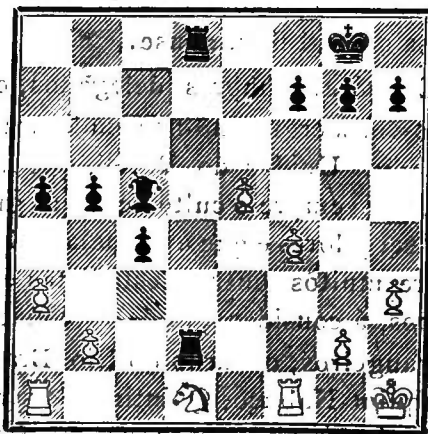
PARTIDA N. 68

(Jogada no torneio do Club dos Diarios nos dias 21 e 23 de agosto de 1906)

GAMBITO DA DAMA RECUSADO

| Branças | Pretas |
|-----------------------|---------------|
| (A. da Costa Pereira) | (W. B. Hentz) |
| P4D - 1 | P4D |
| P4BD - 2 | P3R |
| C3BD - 3 | C3BR |
| P3R(a) - 4 | B2R |
| C3BR - 5 | P3CD |
| PXP - 6 | PXP |
| B3D - 7 | Roque |
| D2BD - 8 | B3TD |
| B2D - 9 | BXB |
| DXB - 10 | P4BD |
| Roque TR - 11 | C3BD |
| P3TD - 12 | D2D |
| C5R - 13 | CXC |
| PXC - 14 | P5BD |
| D2BD - 15 | C5CR |
| P4BR - 16 | P5D(b) |
| C1D(c) - 17 | B4B |
| T3BR - 18 | P4CD |
| P3TR - 19 | PXP |
| BXP(d) - 20 | CXB |
| CXC - 21 | TD1D |
| R1T(e) - 22 | D7D |
| DXD(f) - 23 | TXD |
| C1D - 24 | TR1D |
| T1BR(g) - 25 | P4TD |

Depois do 25º lance das Pretas



| | |
|--------------|---------|
| T1BD - 26 | P5C |
| PXP - 27 | PXP |
| R2T - 28 | T6D?(h) |
| TXP - 29 | B1B |
| T1B - 30 | P3C |
| C2B(i) - 31 | T6C |
| C1D - 32 | B3T |
| T4BD(j) - 33 | B1B |

| | |
|--------------|---------|
| T1BD - 34 | B2R |
| P5B?(k) - 35 | PXP(l) |
| TXP - 36 | B5T |
| P6B?(m) - 37 | PXP |
| T8Bx - 38 | R2C |
| T1BR - 39 | B6Cx |
| R1T - 40 | T(6C)CD |
| T1BD(n) - 41 | P4R |
| R1C - 42 | B5B |
| C2B - 43 | B6R |
| T1R - 44 | TXF |
| TXB - 45 | TXT |
| C1B - 46 | T6C |
| CXT - 47 | TXC |
| R2T - 48 | P6C |
| P4T - 49 | T7BD |
| R3C - 50 | P7T |
| T1CD - 51 | R3B |
| R3B - 52 | R3R |
| P4C - 53 | R4D |
| R3R - 54 | R5B |
| R4R - 55 | R6B(o) |
| RXP - 56 | T8B(p) |
| TXP - 57 | RXT |

Depois de mais alguns lances as Brancas abandonam.

(a) B5CR é bem melhor.

(b) Inicio de um ataque fortissimo que somente cessou com a derrota das Brancas.

(c) 17 -- PXP seria desastroso e acarretaria a perda de uma qualidade ou de uma peça.

(d) Parece melhor 20 -- CXP, CXC; 21 -- BXC, BXB; 22 -- TTB, D5D; 23 -- D2B, etc.

(e) Consequencia do 20º lance -- um tempo perdido, precioso para o ataque das Pretas. Seria mesmo preferivel 22 -- R2T,

(f) O jogo era 23 -- D1B. Depois do lance do texto a partida das Brancas pode se considerar virtualmente perdida.

(g) A situação das Brancas é melindrosissima. O C. preso, a defender um pião, as duas torres a defender o cavallo e os piões inertes.

(h) Este lance é mau e as Brancas souberam aproveitar-se para ganhar um pião; mas logo persistem na defeza, impossivel do pião do C. D., quando mais pratico seria entregal-o e ir com as suas torres atacar os piões das Pretas.

(i) Lance quasi unico.

(j) Resposta eficaz ao lance das Pretas.

(k) As Brancas voluntariamente quebraram a linha dos seus piões, deixando indefez o PR.

(l) Si 35... B4CR; 36 -- T8Bx, T1R; 37 -- TTTx, BXT, libertando as Brancas das dificuldades.

(m) As Brancas entregam um pião sem que se perceba o seu intuito.

(n) Agora voltam á posição anterior depois de uma escaramuça infeliz, e ainda com as suas tres peças a guardar um pião, aliás condemnado.

(o) Mais forte: 55... T7Rx; 56 -- R3B, R6D, etc.

(p) Talvez mais expedito fôsse 56... T7BR.

** adic

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 61 (F. W. Wynne): 1 -- D7CR, P. f. D. (a, b, c, d); 2 -- C4CDx, R joga; 3 -- D ou C mate.

(a) 1... R3B ou 5B; 2 -- C4CD, ?; D mate.

(b) 1... R3R; 2 -- CABRx, R4B; 3 -- D5R mate.

(c) 1... R5R; 2 -- D7D, ?; 3 -- D ou C mate.

(d) P5CD; 2 -- D7BRx, ?; 3 -- C mate.

JOSÉ GETULIO.